

A VISÃO DE SALÚSTIO SOBRE AS LUTAS DE GRUPOS POLÍTICOS ROMANOS NO FIM DA REPÚBLICA

Professor Márcio Luiz M. Ribeiro (UERJ)

Resumo: Daremos enfoque, neste trabalho, à visão de Salústio sobre as lutas de grupos políticos Romanos no fim da República. A priori, analisaremos a maneira pela qual Salústio vê a história e o seu estilo.

Salústio, historiador romano, viveu no séc. I a.C., escreveu duas obras históricas que chegaram até os nossos dias, na íntegra: *Bellum Iugurthinum* e *De coniuratione Catilinae*. Ele leu os historiadores gregos e se inspirou, sobretudo, em Tucídides para elaborar a sua história. Seu texto não é fácil de traduzir, por isto, é mais indicado para o corpo discente da Pós-graduação em Letras Clássicas.

Suas duas obras, acima, citadas traduzem a situação histórica, política, social e cultural do final da república romana.

Enfim, perceberemos em Roma sob a ótica de Salústio a degradação dos costumes, das pessoas e da sociedade como um todo e os motivos que a levaram a todos estes maus vícios.

Palavras-chave: Salústio; grupos políticos; República Romana.

Salústio, historiador romano, viveu no séc. I a.C., escreveu duas obras históricas que chegaram até os nossos dias, na íntegra: *Bellum Iugurthinum* e *De coniuratione Catilinae*. Ele leu os historiadores gregos e se inspirou, sobretudo, em Tucídides para elaborar a sua história. Seu texto não é fácil de traduzir, por isto, é mais indicado para o corpo discente da Pós-graduação em Letras Clássicas.

Suas duas obras, acima, citadas traduzem a situação histórica, política, social e cultural do final da república romana. Neste trabalho, pretendemos analisar as lutas de grupos políticos romanos das classes sociais.

In primo loco, forneceremos informações sobre seu estilo e sobre sua maneira de fazer a história, que achamos dignas de ressaltar, para entendermos melhor as suas obras.

Quanto ao estilo, podemos afirmar que Salústio escreveu a história de modo seletivo, voltada para os acontecimentos mais significativos, tal

qual uma monografia. A professora Zélia de A. Cardoso, no seu livro *Literatura Latina*, assim afirma: “ Salústio não pretendeu escrever uma história de grandes dimensões, delimitada por datas distanciadas no tempo; escreveu a história de um momento preciso, detendo-se, minuciosamente, em pormenores de um único acontecimento.”

Sabemos que Salústio deixa os negócios públicos (as magistraturas) e pretende escrever a história da Roma Republicana, como por exemplo, citamos a conjuração de Catilina, na qual ele se preocupa com os fatos marcantes desta época, no ano 63 a.C.:

“Igitur ubi animus ex multis miseriis atque periculis requieuit et mihi reliquam aetatem a re publica procul habendam decreui, non fuit consilium socordia atque desidia bonum otium conterere, neque uero agrum colundo aut uenando seruilibus officiis intentum aetatem agere; sed a quo incepto studioque me ambitio mala detinuerat, eodem regressus statui res gestas populi Romani carptim, ut quaeque memoria digna uidebantur, perscribere; eo magis, quod mihi a spe, metu, partibus reipublicae animus liber erat. Igitur de Catilinae coniuratione quam uerissime potero paucis absoluam; nam id facinus in primis ego memorabile existumo sceleris atque periculi nouitate. De cuius hominis moribus pauca prius explananda sunt, (...)” (Salústio, *De Coniuratione Catilinae*, IV, 1-5)

Por isso, quando o (meu) espírito descansou das muitas misérias e perigos e (eu) me decidi manter o resto da minha vida longe da política, o (meu) propósito não foi consumir o precioso ócio, na preguiça e na inércia, nem tão pouco passar a vida, ocupado com trabalhos servis do cultivo da terra ou da caça. Mas, de que começo e inclinação a má ambição me detinha. (Eu me) propus a registrar, colhendo aqui e ali, os fatos acontecidos do povo romano, conforme me pareciam coisas dignas de memória, tanto mais que, a (minha) alma estava livre da expectativa, do medo, das facções da República. Por isso, sobre a conjuração de Catilina, (eu) levarei a cabo, sucintamente, da maneira mais verdadeira possível; de fato, este episódio, sobretudo, acho memorável (de ficar , na

história), pela excepcionalidade do crime e do risco (do Estado). Desses costumes do homem, primeiro, poucas (idéias) devem ser ventiladas, (...)"

Suas obras são textos históricos, que podemos considerar como gênero literário. Na sua "poésis", encontramos: digressões, fatos apresentados, consoante o critério do que seria mais importante, na opinião do historiador, história analística e memorialística, prólogos, discursos de pessoas ilustres, retratos como os de Catilina e de Jugurta, muitos arcaísmos, interrogações retóricas, inúmeros recursos estilísticos, narrações propriamente ditas, orações bem elaboradas de extrema concisão e, às vezes, de difícil tradução para o vernáculo, uso da descrição com o objetivo de tentar explicar os fatos e há, também, a presença do "páthos".

Os nobres ocupavam os cargos políticos de maior relevância, em Roma. Havia, portanto, uma transmissão hereditária da política como se fosse uma profissão. Ross-Taylor, em *La politique et les partis à Rome au temps de César*, afirma: "As figuras marcantes dentro da política e a organização dos partidos políticos romanos pertenciam geralmente às famílias da nobreza, hereditariamente, ou às famílias consulares. Como tradição, essas famílias, no passado, cultivavam os costumes consagrados da Roma antiga, a *mos maiorum*". Na visão de Salústio, outrora, os homens viviam sem a cobiça, ao passo que quando começaram as invasões a outras nações, a fama, a fortuna e conseqüentemente a ganância começaram a surgir:

Etiam tum uita hominum sine cupiditate agitabatur; cuius cuique satis placebant. Postea uero quam in Asia Cyrus, in Graecia Lacedaemonii et Athenienses coepere urbis atque nationes subigere, lubidinem dominandi causam belli habere, maxumam gloriam in maximo imperio putare (...). (Salústio, *De Coniuratione Catilinae*, II, 1-2)

Até então, a vida dos homens era vivida (ainda) sem cobiça; a cada um as suas próprias coisas agradavam, bastante. Porém, depois que Ciro, na Ásia, os Lacedemônios, na Grécia, os Atenenses começaram a subjugar as cidades e nações, (começaram também) a considerar o seu desejo de dominar a causa da guerra, e a julgar (que) a máxima glória (está) no máximo império.

O próprio Salústio, na sua juventude, no *De Coniuratione Catilinae*, nos diz que se contaminou com a ambição, com a prodigalidade, com a avareza e com todos os vícios dos empregos públicos:

Sed ego adulescentulus initio sicuti plerique studio ad rem publicam latus sum, ibique mihi multa aduorsa fuere. Nam pro pudore, pro abstinentia, pro uirtute audacia, largitio, auaritia uigebant. Quae tametsi animus aspernabatur insolens malarum artium, tamen inter tanta uitia imbecilla aetas ambitione corrupta tenebatur. (Salústio, De Coniuratione Catilinae, III, 3-5)

Eu, no início, juvenzinho, me dediquei, assim como outros, com entusiasmo à política. E, aí, tive muitas adversidades. Pois, no lugar da honestidade, da abstinência, (e) da virtude, a ganância, a liberalidade, (e) a avareza vigoravam. Embora (essas coisas) que a (minha) alma não habituada aos maus vícios desdenhasse, a (minha) frágil idade, contudo, estragada pela ambição, entre tanto vícios se mantinha; (...)

Quanto às famílias nobres, elas consideravam que era seu direito eleger os representantes do povo, a “res publica”, com cargos de magistrados. Mais particularmente essas famílias tinham a exclusividade de prover os membros do consulado; a magistratura se transmitia de um a outro e essas famílias pensavam que o consulado teria sido profanado se um “homem novo” isto é, um estrangeiro à nobreza fosse eleito.” Graças à Fúlvia, descobre-se a conjuração que chega aos ouvidos dos senadores, todos têm medo de Catilina e decidem escolher Cícero para o consulado a fim de resolver o problema interno, Cícero não era de origem nobre, tinha sangue eqüestre, portanto, era um “homem novo” não muito aceito pela nobreza, esta só o aceitou devido à necessidade e urgência da época, Salústio diz que esta novidade da conjuração acendeu em todos o desejo de conferir o consulado a M. Túlio Cícero. Até ali bramiria de inveja quase toda a nobreza, julgando como ultrajada esta dignidade, se um homem novo por mais egrégio que fosse a obtivesse. Mas, na presença do perigo, a inveja e a soberba cederam.

Para manter as tradições políticas da família, o nobre esperava que o filho dele o seguisse, porém, raramente, possuía uma grande família.

As estreitas ligações entre as famílias nobres se davam graças ao casamento e às adoções. Os nobres examinavam com muita precaução a influência política das ligações com uma família no momento de escolher os casamentos de seus filhos.

Quanto às adoções, estas eram tão importantes quanto os casamentos para aproximar as famílias, pois um nobre que não tivesse herdeiro, freqüentemente, adotava um menino, filho de um parente ou de um amigo para perpetuar a distinta família. Era necessário que houvesse um filho na família.

A *amicitia romana* passava por cima dos partidos desde os tempos antigos. Ela era transmitida de geração em geração. Na política, os nobres não só possuíam amigos herdados como também faziam novos, constantemente. Também, herdavam inimigos pessoais, graças à sua atividade política.

As associações de membros da classe senatorial gozavam de uma certa importância política dentre elas citamos o Colégio de Padres, composto por nobres e as confrarias como *os luperci*, *os sodales Titii* e *os sodalitates*, estes funcionavam nos processos de defesa e de acusação. Além destas associações, havia outros grupos políticos que também se desenvolviam fora da nobreza e do senado? Sim, o grupo de cavaleiros que podia se eleger às magistraturas, contudo, muitas vezes, preferia permanecer na condição de cavaleiros. Este grupo, porém, no final da República já não tinha tanta influência política como na época de Sila ou de Caio Graco, quando os cavaleiros controlavam os tribunais. Seus votos tinham grande peso nas assembléias para eleição dos cônsules e dos pretores. O grupo mais bem organizado de cavaleiros era os publicanos. Estes eram defendidos por Cícero, na justiça, maior orador que Roma já possuiu.

Os cavaleiros foram perdendo, paulatinamente, a sua influência política porque os nobres senadores procuravam afastar estes *equites* dos comandos, em tempo de guerra, e das magistraturas, em tempo de paz. Destarte, a ordem equestre procurou um outro emprego para a sua fortuna, voltando-se mais para os negócios: cobrança de impostos, construção de estradas, a exploração do sistema bancário, tais negócios não eram geridos pela nobreza, mas pelos cavaleiros. Com o crescente poder e fortuna dos cavaleiros, houve um antagonismo entre estes dois grupos sociais

e políticos, sobretudo nos tribunais criminais, pois, consoante Mário Curtis Giordani, em *História de Roma*, A nobreza resolve que os juizes desses tribunais deveriam ser recrutados, exclusivamente, entre senadores (...) . Desta forma, a classe senatorial, por meio dos tribunais mencionados, passava a julgar, com exclusividade, a atuação da classe eqüestre.

O professor Mário C. Giordani, no livro supracitado, divide em quatro classes a vida político-social da República Romana: a nobreza senatorial, os cavaleiros aos quais já nos referimos, anteriormente, os clientes e os pequenos proprietários rurais.

Os clientes faziam parte da *gens patricia*, mas com o enfraquecimento desta, passaram a se integrar nas camadas populares. Estes novos clientes eram, sobretudo, os libertos e as pessoas livres de nascimento, que respeitavam e davam assistência aos seus patrões em troca ou de auxílio para a sua subsistência ou de proteção.

Na primeira metade do séc. II a.C. ,desaparece a classe média de pequenos proprietários rurais. Esta foi, durante muito tempo, a base militar e social do Estado Romano. Contudo, as guerras constantes, sobretudo, as Púnicas, ocasionaram causas funestas da decadência desta classe, ou porque muitos pereceram, no campo de batalha ou desacostumaram com os hábitos e com a vida bucólica de camponês, após longo tempo de vida militar. Em razão disto, houve um esvaziamento da classe média e uma perda da vida rural da península. Os latifúndios também começaram a surgir com a implantação de novas culturas na agricultura e com o aumento da população escrava, na mão-de-obra.

Vale ressaltar que de vez em quando, aparecia, na Roma Republicana, uma organização revolucionária (*coniuratio*) com homens muito visíveis, unidos por um pacto. A conjuração de Catilina é um exemplo deste tipo de organização revolucionária que agregava cavaleiros, cidadãos e trabalhadores rurais desempregados, um certo número de senadores, inclusive homens com ascendência patricia evidente. Assim afirma Salústio sobre os conjurados que em tão grande e tão corrompida cidade, Catilina tinha em torno de si, como escolta, facínoras e pessoas infames (...) aqueles, enfim, a quem a desonra, a miséria, os remorsos atormentavam, todos de Catilina eram íntimos e familiares, vejamos:

In tanta tamque corrupta ciuitate Catilina, id quod factu

facillum erat, omnium flagitiorum atque facinorum circum se tamquam stipatorum cateruas habebat. (Salústio, De Coniuratione Catilinae, XIV, 1)

Em tão grande e tão corrompida cidade, Catilina, o que era muito fácil de se reunir; tinha , em torno de si, bandos de fascínoras e de todas as ignomínias (...)

(...) ei Catilinae proximi familiaresque erant.(Salústio, De Coniuratione Catilinae, XIV, 3)

(...) para este Catilina, (todos) eram íntimos e familiares.

Estes conjurados, devido a um pacto, estavam determinados a se recusar em revelar os detalhes da conspiração. Salústio diz que Catilina, obriga os cúmplices do seu crime a jurar fidelidade, fazendo circular nas taças sangue humano misturado com vinho.

Na visão salustiana, Catilina sempre teve o desejo de escravizar a República, era mal por natureza, tinha consciência e gosto pelo crime e o meio social pelo qual ele vivia, compartilhava, ainda mais, com a sua índole, só havia costumes corruptos, na *urbs romana* e muita cobiça de avareza e de luxo:

Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. Hunc post dominationem L. Sullae lubido maxuma inuaserat rei publicae capiundae (...). Agitabatur magis magisque in dies animus ferox inopia rei familiaris et conscientia scelerum quae utraque is artibus auxerat quas supra memoravi. Incitabant praeterea corrupti ciuitatis mores, quos pessuma ac diuorsa inter se mala, luxuria atque auaritia, uexabant. (Salústio, De Coniuratione Catilinae, V, 5-8)

O (seu) espírito insaciável sempre cobiçava (coisas) imoderadas, inacreditáveis (e) demais, elevadas. Depois da tirania de Sula, um desenfreado desejo de tomar a República o tinha invadido. (...). Dia-a-dia, (esta) alma feroz estava atormentada, cada vez mais, pela carência de bens familiares e pela consciência de crimes, que ambas tinham aumentado por estes vícios, que, mais acima, recordei. Além disso, os costumes corruptos da cidade encorajavam-(no), os quais (dois)

funestos e opostos males devastavam, entre si: o luxo e a avareza.

Sabendo que Pompeu estava na guerra, Catilina tinha esperança de obter o consulado, ou melhor, pretendia fazer uma conjuração, contra a despercebida República. No entanto, como Catilina não conseguiu um número suficiente de soldados, frustrou-se o intento.

Cícero não era de origem nobre, como sabemos, mas um “homem novo”, ele tinha, certamente, seus ressentimentos de não pertencer a uma família nobre e aos seus privilégios. Mesmo assim, tornou-se cônsul, contudo, realmente, jamais foi aceito pelos nobres ou fez parte do círculo deles. Outro, também, que não tinha sangue nobre, foi Salústio, que abandonou a carreira política para se dedicar mais à sua história. Muitas vezes, ele criticou esses nobres, que consideravam uma mancha na nobreza o fato de um “estrangeiro” entrar no grupo.

Ross-Taylor, no livro já mencionado anteriormente, diz que um número impressionante de patrícios, como César, adotou programas populares, tendo como única meta possuir um cargo importante no estado. São exemplos de patrícios: Marco Emílio Lépidio, Catilina, Cláudio, Clódio. Mas, eles não podiam ser eleitos para tribuno da plebe, visto que precisavam fazer parte de uma família plebéia. Havia empecilhos para estes patrícios chegarem ao consulado. No final da República, as famílias patrícias já não estavam mais dentro do primeiro grupo da nobreza. O nobre possuía bastante riqueza e herdava dos seus antepassados a política como profissão, com todas as facilidades possíveis para ingressar num grande cargo da magistratura romana.

Mas, por que estas famílias patrícias já não estavam mais dentro do primeiro grupo da nobreza, no final da república romana? Porque houve uma decadência do antigo patriciado, pois era uma casta fechada que, com o tempo, diminuía o número de seus membros. As *gentes* patrícias abrangiam dois elementos: os patrícios e os clientes. A redução numérica dos primeiros era motivada, sobretudo, pelas constantes guerras. Com estas, os clientes passavam a aumentar a população plebéia.

Vale lembrar que uma condição necessária para ingressar na carreira política era que o homem precisava servir ao exército, pois, uma das obrigações de todo cidadão romano era a *militia*, isto é, a obrigação de

prestar o serviço militar, serviço este que era prestado de acordo com a fortuna e com a categoria social de cada cidadão. Contudo, esta condição de servir ao exército não era mais exigida no final da República. Depois, os romanos levavam, em consideração, qualquer experiência militar. Paralelamente ao seu serviço militar este homem estudava oratória ou com grandes mestres, no Oriente, ou se não estivesse em um centro de cultura tradicional, ele carregava um mestre consigo.

Enfim, não poderíamos deixar de destacar a plebe que fez parte do sistema social romano e que conquistou muitos direitos, na República, sobretudo, após a sua greve geral, no ano 493, quando se retirou para o monte Sagrado, deixando todas as suas atividades, os patrícios ficaram, com a ausência da mão-de-obra da plebe, no ócio, apenas, com os seus privilégios e sem proteção militar. A plebe não tinha direitos e exigiu reivindicações a nível social, jurídico, político e religioso.

No social, a plebe obteve reforma agrária, o perdão das dívidas dos cidadãos escravizados e a liberdade, além disso, foram criados os tribunos da plebe para defender o povo.

Na reivindicação jurídica, a camada popular conquistou a paridade nas leis e nos casamentos mistos, entre patrícios e plebeus. Para os seus interesses, foi criada a Lei das doze tábuas, fonte de todo direito público e privado.

Na política, a plebe exigiu três direitos: ao voto, que veremos, a seguir, no quadro institucional das assembleias, o direito às magistraturas e ao ingresso no senado.

Na religião, o povo conseguiu entrar nos colégios sacerdotais. Como podemos perceber, a plebe adquiriu, com muita luta e união, os mesmos direitos e deveres dos patrícios, que, no início da República, dominaram Roma.

Após analisar as classes sociais da República e algumas passagens da Conjuração de Catilina, passemos para o *Bellum Iugurthinum*, de Salústio.

A Guerra de Jugurta ocorreu entre os anos 111 a 105 a.C., parece-nos que Salústio, no *Bellum Iugurthinum*, não estava muito preocupado em descrever a guerra, na verdade, o historiador nos apresenta as grandes lutas políticas, que existiam, dos aristocratas nobres, os *Optimates*,

que se consideravam os melhores, detentores do poder contra os partidários da plebe, os Populares.

Quem foi Jugurta? Sobrinho de Micpsa, rei da Numídia, que se apossa do poder com a morte de seus primos. Roma intervém, após muitos reveses, e finalmente, Mário vence a guerra. Seleccionamos uma passagem que Salústio se propõe a escrever sobre a guerra, sobre a descrição de Jugurta e sobre a nobreza vil:

Bellum scripturus sum quod populus Romanus cum Iugurtha rege Numidarum gessit, primum quia magnum et atrox uariaque uictoria fuit, dehinc quia tunc primum superbiae nobilitatis obuiam itum est. Quae contentio diuina et humana cuncta permiscuit, eoque uecordiae processit ut studiis ciuilibus bellum atque uastitas Italiae finem faceret. (Salústio, *Bellum Iugurthinum*, V, 1-2)

Eu me proponho a escrever sobre a guerra de que o povo Romano fez com Jugurta, rei dos Númidas, (e) primeiro, porque foi, fortemente atroz e de vitória alternada, depois, porque, então, pela primeira vez, se tomou posição, contra a soberba da nobreza. Esta luta confundiu todas as leis divinas e humanas, (e) chegou a tal ponto de loucura que, (somente), a guerra e a devastação da Itália pôs fim às paixões civis.

No *Bellum Iugurthinum*, mais uma vez Salústio nos conta que decidiu ficar longe das magistraturas e critica a nobreza por conseguir se eleger com os votos “comprados” da plebe, vejamos:

Atque ego credo fore qui, quia decreui procul a re publica aetatem agere, tanto tamque utili labori meo nomen inertiae inponant, certe quibus maxuma industria uidetur salutare plebem et conuiuiis gratiam quaerere. (Salústio, *Bellum Iugurthinum*, IV, 3)

E eu acredito que haverá de acontecer, visto que decidi viver, para longe das coisas públicas, ao meu tão grande e tão útil trabalho, que (algumas pessoas) coloquem o nome de vadiagem, certamente para esses, a maior atividade parece ser cumprimentar a plebe e procurar obter o favor, com banquetes

Numa outra passagem a seguir, Salústio continua a criticar estes mesmos nobres que não permitem a ascensão de outros por não fazer parte do grupo político aristocrata, mesmo que sejam egrégios:

Qui si reputauerint et quibus ego temporibus magistratus adeptus sum (et) quales uiri idem adsequi nequiuerint, et postea quae genera hominum in senatum peruenerint, (...). (Salústio, *Bellum Iugurthinum*, IV, 4)

Se essas pessoas tiverem examinado em que tempos eu adquirir as magistraturas e que homens não puderam alcançar a mesma coisa e que tipos de homens entraram, depois , no Senado, (...)

Quando Roma passou a ser poderosa e opulenta, também nasceu a inveja . Este era o principal motivo da degradação da sociedade e dos costumes para Salústio.

Roma sem a abundância das riquezas, no passado, exercitava o engenho, todo homem cultivava os bons costumes, havia concórdia, pouca avareza e muito respeito e honestidade entre os cidadãos, as rixas eram com os inimigos:

Igitur domi militiaque boni mores colebantur; concordia maxuma, minima auaritia erat. Ius bonumque apud eos non legibus magis quam natura ualebat. Iurgia, discordias, sumultates cum hostibus exercebant, (...). (Salústio, *De Coniuratione Catilinae*, IX, 1-2)

Na paz e na guerra, cultuavam-se os bons costumes; a harmonia era a maior possível, e a cupidez , a menor. A justiça e o bem vigoravam entre eles, menos como leis e mais como inclinação natural. Exerciam pequenos desentendimentos, discórdias, rivalidades contra os inimigos.

Contudo, o desejo de conquistar outros países gerou a sede do dinheiro. Enfim, estes foram as fontes de todos os males, na visão de Salústio. A avareza destruiu todas as virtudes e surgiram dela a soberba, a crueldade, a ambição, a falsidade, a inimizade e tudo de ruim, vejamos:

Igitur primo pecuniae, deinde imperi cupido creuit; ea quasi materies omnium malorum fuere. Namque auaritia fidem,

probitatem ceterasque artis bonas subuortit; pro his superbiam, crudelitatem, deos negligere, omnia uenalia habere edocuit. Ambitio multos mortalis falsos fieri subegit, aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum habere, amicitias inimicitiasque non ex re, sed ex commodo aestumare, magisque uoltum quam ingenium bonum habere. (Salústio, De Coniuratione Catilinae, X, 3-5)

Por isso, primeiro, cresceu o desejo de dinheiro, (e) em seguida, do mando, essas coisas, aí, (a política e o pecúnio), foram a causa de todos os males. De fato, a ganância subverteu a lealdade, a honradez, e todas as qualidades boas, no lugar destas (coisas), (ela) (nos) ensinou a arrogância, a crueldade, a negligenciar os deuses, e a ter tudo (como) (coisas) compráveis. A ambição fez com que muitos homens se tornassem falsos, obrigou a ter uma coisa encerrada no coração e outra à vista, na língua, (obrigou) a avaliar as amizades e as inimizades não pelo que elas são, mas pelo seu interesse, (obrigou) a ter a cara boa, mais do que a alma.

Salústio procurou nos mostrar os defeitos e os vícios dos homens, preocupou-se com os problemas sociais e políticos da época, na qual viveu, nos levou a refletir sobre a natureza do homem e sobre os seus maus costumes, tentou preconizar os valores e as virtudes de outrora, voltando muitas vezes ao passado, para dizer aos seus contemporâneos que as maiores virtudes devem ser resgatadas, e não o poder e as riquezas. Enfim, o final da República para Salústio é um período decadente, cuja sociedade está cheia de vícios.

Finalizamos este trabalho com uma belíssima gradação verbal, na qual Salústio resume e nos mostra o estado de degradação do final da República Romana: Tudo era roubar, consumir, estragar o seu, cobiçar o alheio, atropelar a decência, as divinas e humanas leis sem respeito, nem moderação, vejamos: “Igitur ex diuitiis iuuentutem luxuria atque auaritia cum superbia inuasere; rapere, consumere, sua parui pendere, aliena cupere (...)” (Salústio, *De Coniuratione Catilinae*, XII, 2). Por isto, como fruto das riquezas, o luxo e a avidez tomaram conta da juventude com a arrogância, roubar, consumir, pesar as suas coisas de pouco valor, desejar o dos outros (...)”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBA, André. *História Universal – Roma*. São Paulo: Mestre Jou, 1964.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- COELHO, Flora Simonetti & SILVA, Affonso da. *Gramática Latina*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999.
- COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga. Tradução portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1945.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma – Antigüidade Clássica II*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GRIMAL, Pierre. *Grammaire latine*. Paris: Fernand Nathan Éditeur, 1955.
- . *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- . *L' Empire romain. Origine et nature de l'institution impériale. Les grandes dynasties. La civilisations romaine: extension et apogée. Crises et déclin*. Paris: Édition de Fallois, 1993.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PETIT, Paul. *Précis D'Histoire Ancienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- ROSS-TAYLOR, Lily. *La Politique et les Partis à Rome au Temps de César*. Paris: Maspero, 1977.
- SALÚSTIO. *Catilina, Jugurtha, Fragments des Histoires. Texte ét. et tr. par A. Ernout*, Paris: Les Belles Lettres, 1980.
- . *A Conjuração de Catilina, A Guerra de Jugurta. Tradução de A. Silveira Mendonça*, in Sêneca, *Tratado sobre a Clemência*. Intr., trad. e notas de I. Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.
- . *Obras: Guerra Catilinária, Guerra Jugurtina. Tradução de Barreto Feio*. São Paulo: Edições Cultura, 1967.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

NOTAS

¹ Todas as traduções são de minha responsabilidade.